Entre Xavier e Valignano. A Missão do Padre António Vaz

António Rodrigues Baptista*

QUEM ERA ANTÓNIO VAZ

Nasceu em Leiria este dedicado missionário do Oriente. Tendo chegado a Goa em 1548, aqui terminou os estudos ainda no tempo de S. Francisco Xavier. Quando um dia, já noviço, António Vaz olhava mais para as seduções do mundo do que para os anelos da alma, vacilou seriamente na vocação. Mas logo o padre-mestre Francisco (Xavier), reparando nele, fixou-o e lançou-lhe à queima-roupa: "Filho, quereis-nos deixar?"[1]

Foi esta a "chicotada" necessária para que António Vaz permanecesse na família de Santo Inácio até ao termo da sua vida, aliás, bastante longa[2]. Não obstante, também com muitas andanças e algumas errâncias à mistura. Vê-lo-emos.

Natural, pois, da velha Estremadura portuguesa, veio a ser António Vaz um dos primeiros padres da Companhia de Jesus e, ademais, o precursor de vários missionários jesuítas que, da sua região, na Ásia Extrema criaram fama: Gabriel de Magalhães, de Pedrógão Grande; João Francisco Cardoso e Manuel de Carvalho, de Porto de Mós; António Henriques Farto, da Vieira de Leiria; e António Oliveiros Henriques, da Charneca (hoje, Vilar dos Prazeres) de Ourém.

Sendo cristão-novo por uma das partes, Vaz deve ter nascido por volta de 1523, pois esta é, conforme nos parece, a data mais fidedigna apontada, por exemplo, no testemunho do Pe. Francisco Cabral, que bastante conviveu com o Pe. Vaz em Goa.

António Vaz aportou à Índia a 9 de Outubro de 1548, na nau *Galega* onde viajaram também os conhecidos missionários da Índia e do Japão, António Gomes, doutor em Teologia que veio a ser o novo reitor, Francisco Gonçalves e Luís Fróis[3]. O Pe. Xavier viria encontrá-los no Colégio de S. Paulo em 13 de Novembro seguinte.

Desta sorte, viria a ser contemporâneo, para além de S. Francisco Xavier, também dos futuros bispos de Macau e do Japão, D. Melchior Carneiro e D. Pedro Martins, e ainda dos irmãos Fernão Mendes Pinto e Álvaro Mendes, estes igualmente irmãos da Companhia de Jesus no Oriente. Com eles conviveu, colaborou e viajou, desde Ormuz e Baçaim até Goa, Damão e Diu, desde Cochim e Malaca até às Molucas, Bengala e S. Tomé de Meliapor[4].

Em quase todas estas paragens ocupou António Vaz o cargo de reitor ou superior nos múltiplos centros de missão da Sociedade de Jesus, notabilizando-se sobretudo na pregação e na orientação espiritual, na afabilidade da conversação e ainda em diversas missões de carácter diplomático.

Com algumas incompreensões em situações difíceis, próprias não só da rigidez do clima insalubre, mas principalmente dos usos e costumes locais, com múltiplos interesses à mistura – tudo isto a vida de António Vaz reflecte à saciedade, com suas dúvidas, peripécias e até suspeições por parte designadamente dos seus confrades.

Contrariando um pouco as informações transmitidas por Francisco de Sousa no *Oriente Conquistado a Jesus Cristo pelos Padres da Companhia de Jesus da Província de Goa*, pensamos que o escritor Diogo do Couto terá entendido bem melhor a figura e a acção apostólica do padre Vaz, tanto nas Molucas como noutros centros de missão, quando assinala, nas *Décadas da Ásia*, o Pe. Vaz como "homem letrado, e virtuoso"[5].

Em numerosos documentos que acabam de ser publicados na segunda metade do século XX, nomeadamente pelos prestigiados historiadores da Companhia de Jesus (Joseph Wicki, Hubert Jacobs e Joseph Schütte), aparece-nos o nome do Pe. Vaz por vezes associado a dúvidas sobre o seu real comportamento, mormente a partir da sua missão nas Molucas. Mas lá chegaremos.

Cremos, por isso, que está ainda por fazer um estudo com rigor, quer do seu nascimento, quer sobretudo dos seus múltiplos actos que, uma vez apurados, dariam uma boa dissertação ou mesmo alguma interessante narrativa. Basta lermos as páginas que lhe consagrou no *Oriente Conquistado...*, Francisco de Sousa, para podermos corroborar o que dizemos[6].

Em Goa, recebeu António Vaz a ordenação sacerdotal em 1551 e ainda neste ano o encontramos a prosseguir estudos de teologia moral sob a direcção do padre-mestre Belchior Nunes Barreto[7].

Depois, obedecendo às ordens do provincial, Gaspar Barzeu (ainda que contrariando a vontade de Francisco Xavier), partiu o Pe. Vaz para Ormuz, em

* Doutor em Filologia Hispânica (literatura), antigo Professor na Universidade de Macau. Investigador da Acção Missionária no Extremo Oriente.

Ph.D. in Hispanic Studies (Literature), former lecturer at the University of Macao, researcher of the Catholic Missions in the Far East.

Novembro de 1552, na armada de D. Antão de Noronha. Provavelmente de Baçaim, escreve ao Pe. Barzeu uma carta no referido mês, dando-lhe conta do sucesso da viagem e da acção pastoral exercida no barco junto dos portugueses. Não deixa, porém, de acrescentar o seguinte:

> "Eu me ocupo em pregar e confessar, e conversar esta gente e todos me tem muito amor e credito, mas eu ao fim sou quem sou, e tudo isto é para maior confusão minha."[8]

Por aqui notamos que as dúvidas acerca da sua vocação, não se haviam dissipado completamente.

O PADRE VAZ NAS MOLUCAS

Após o regresso de Ormuz para Goa, veio o padre Vaz, em 1554, para Malaca, integrado na embaixada ao Japão do Pe. Mestre, Belchior Nunes Barreto. De Malaca, Nunes Barreto despachará António Vaz para as Molucas, na companhia do irmão Manuel de Távora. Aqui os dois inacianos irão engrossar o grupo de missionários aí residentes, entre os quais se encontrava o Pe. Afonso de Castro.

Recordemos, em síntese, que depois do mau governo de Tristão de Ataíde nas Molucas, entre 1533--1536, a porta ficava francamente aberta para a entrada dos castelhanos, após a rota de Fernão de Magalhães. Daí o clima de confronto que se gerou em torno da presença portuguesa no arquipélago das especiarias (do cravo e noz-moscada), onde um capitão português (Simão de Brito Patalim) chegara a ser publicamente açoitado e decapitado pelo espanhol Fernando de la Torre. Por aqui já entendemos as grandes ambições dominantes e o mal-estar reinantes no arquipélago das Molucas, nos meados do século XVI, apesar da prudência de António Galvão e do contributo apaziguador levado pelo padre--mestre Francisco (Xavier) pelos anos de 1546-47, onde parecia dominar o "salve-se quem puder"...

Ora, com a presença do Pe. António Vaz, as coisas parecem ter ocorrido desta maneira. Vaz, ao chegar a Ternate, no Outono de 1555, com destino a Amboíno, dado o seu feitio extrovertido, mas também algo inconstante, terá sugerido uma troca ao seu confrade Afonso de Castro, que já tinha vários anos de experiência no arquipélago. Vaz ficaria em Ternate, junto da sede do domínio português, enquanto por seu turno o Pe. Castro iria para Amboíno. É uma hipótese muito plausível que terá ocorrido nos princípios da Primavera de 1555. Seja como for, desconhecemos ainda hoje os termos reais desta permuta entre os dois missionários. Com base no que refere o jesuíta contemporâneo Hubert Jacobs (talvez o historiador que melhor compulsou todos os documentos existentes), não é impossível que documentos pertinentes tenham sido destruídos: "*It is not impossible that the pertinent documents have been destroyed.*"[9]

Daqui valerem todas as interpretações possíveis. Resta-nos, assim, a dúvida quanto ao valor de uma carta escrita de Maluco, em 27 de Fevereiro de 1555, para o Pe. Baltasar Dias, reitor do Colégio de Goa, na qual António Vaz escreve o seguinte, na versão italiana (já que se desconhece o original português): "*Io, Padre, resto aqui col carico de la obedienza sopra le spalle*."[10]

Não obstante, vejamos mais em detalhe o célebre episódio das Molucas.

Uma vez em Ternate, António Vaz jogará, forte, a sua missão e o seu futuro, tanto para seu bem como para seu mal. Em poucas palavras se conta.

Feita a permuta com Afonso de Castro, o Pe.Vaz assumiria em Ternate o cargo de superior "interino" da missão, durante a ausência de Castro. Em que termos reais terá feita esta troca, talvez nunca o saibamos cabalmente. O que sabemos é que António Vaz, já com alguma experiência na direcção de outras missões, encontrava-se agora longe dos centros de decisão. O provincial, Belchior Nunes Barreto, que de Malaca enviara António Vaz para as Molucas, avançava agora para a China e para o Japão – em cuja embaixada, recordemos, se integrava também o famoso Fernão Mendes Pinto, que descreverá esta viagem atribulada na parte final da célebre *Peregrinação*, com muita fantasia à mistura, é certo.

Chegado às Molucas, com a sua maneira de ser naturalmente comunicativa (são os jesuítas da Índia que no-lo atestam), o Pe. Vaz torna-se muito amigo do capitão da fortaleza dos portugueses em Ternate, D. Duarte d'Eça.

Observando, por outro lado, o perfil aparentemente modesto do Pe. Afonso de Castro, e agindo ali praticamente sozinho, entregue ao seu destino, terá pensado o Pe. Vaz assenhorear-se efectivamente da direcção da comunidade cristã das Molucas. Para tal, conforme escreve Francisco de Sousa[11], veio a forjar uma falsa patente, intitulando-se superior efectivo da missão.

Tendo o Pe. Castro regressado de Amboíno meses mais tarde e notando o sucedido, sobretudo pela recusa

do Pe. Vaz em devolver-lhe a direcção da missão, ter-se--iam travado de razões. E, sem mais, o Pe. Castro expulsa da Sociedade de Jesus o seu confrade António Vaz.

Daí por diante António Vaz, com aprovação do capitão da fortaleza e do povo cristão, ficou apenas com o cargo de vigário, em substituição do anterior, que havia falecido recentemente[12].

Como, apesar das distâncias, as notícias circulam, este caso chegou também a Goa. Por outro lado, regressaria do Japão à Índia o provincial Nunes Barreto, com sua embaixada algo fracassada. Neste meio tempo, foi enviado para as Molucas o Pe. Francisco Vieira, com o encargo de destituir o Pe. Vaz do cargo alegadamente usurpado, reenviando desta feita António Vaz para Goa.

Notemos, por outra parte, que tudo isto sucede passados que eram três anos (1556-1558), não sem antes, ainda em Ternate (segundo narra Francisco de Sousa), António Vaz se ter devidamente penitenciado, reconhecendo que não actuara da melhor forma[13].

Cabe acrescentar, em abono da verdade, que estes três anos de António Vaz, enquanto vigário das Molucas, sempre ao lado do povo e colaborando de perto com o capitão português da fortaleza, Duarte d'Eça, foram tempos de fecundo apostolado, pois foram inclusive marcados por um facto deveras importante, que muito enobrece o nome do Pe. Vaz. Só por este facto o seu nome ficou registado nos anais da história de Portugal. É que, neste meio-tempo, a pedido do capitão Duarte d'Eça, o Pe. Vaz desempenhou um papel crucial, de grande destaque e relevância, pela forma diplomática como soube lidar com o rei de Bachão e sua família real, catequizando-os e convertendo-os ao cristianismo, que o mesmo é dizer, trazendo-os para a causa de Portugal. Depois, administrou-lhes o baptismo, o mesmo fazendo a muitas outras pessoas do povo, colaborando assim, durante vários meses, de forma muito feliz e eficaz, com o capitão Duarte d'Eça e com o rei de Bachão[14].

Registemos, por outra banda, que o Pe. Afonso de Castro, tendo partido, entretanto, para as missões de Moro, viria a cair numa emboscada, sendo martirizado no ano de 1558 pelos indígenas, no andamento da sua difícil missão[15].

Para sintetizarmos o percurso e a estadia do Pe. António Vaz no arquipélago das Molucas, vamos deixar uma tábua cronológica dos principais momentos traçados pela mão do historiador jesuíta, Hubert Jacobs. Assim teremos:

- Outono de 1554 – António Vaz chega a Ternate;
- Fevereiro de 1555 – Afonso de Castro navega para Amboíno; Vaz permanece em Ternate como reitor interino ("*col carico della obedienza sopra le spalle*");
- Fevereiro-Maio de 1555 – Vaz começa a trabalhar como vigário da fortaleza;
- 13 de Maio de 1555 – Castro está em Amboíno;
- Novembro de 1555 – O novo capitão, D. Duarte d'Eça, chega a Ternate, segundo Diogo do Couto. Vaz torna-se amigo do capitão;
- Antes de Dez. de 1555 – Castro regressa a Amboíno (no período de Dezembro-Abril, tal seria impossível devido ao regime das monções);
- Pouco tempo depois – Afonso de Castro quer destituir Vaz do cargo de reitor interino. António Vaz mostra-lhe cartas patentes falsas. Castro expulsa Vaz da Companhia de Jesus. Castro é sabotado pelo capitão e pelo povo.
- Fevereiro de 1556 – Afonso de Castro vive em Ternate como legítimo reitor; Francisco Vieira e Belchior Nunes navegam para a Índia;
- 24 de Maio de 1556 – Castro navega para Moro;
- Fevereiro-Março de 1557 – Os padres João da Beira e Belchior Nunes Barreto chegam a Goa e informam o novo provincial, António de Quadros, do comportamento do Pe. Vaz;
- Abril de 1557 – O Pe. Francisco Vieira e seus companheiros partem de Goa com a sentença para António Vaz;
- Outubro de 1557 – Francisco Vieira chega a Ternate e executa a sentença;
- Fevereiro de 1558 – O Pe. Vaz navega para Ternate, com destino à Índia[16].

Notemos, com efeito, que quem seguir à letra esta cronologia assim "descarnada", mais lhe parecerá tudo isto uma verdadeira caça ao homem! Todavia, tal não nos parece inteiramente verdade. Permaneceram, é certo, algumas sequelas durante a vida de António Vaz, que este, de forma notoriamente cristã, ou mesmo estoicamente, houve de suportar. Tê-lo-á feito sempre com atitude exemplar.

TESTEMUNHOS SOBRE O PADRE VAZ

Uma vez em Goa, com as necessárias explicações, sobretudo ao provincial, António de Quadros, este aceitou as esclarecimentos fornecidos, ainda que falasse apenas uma das partes. Após o arrependimento

manifesto por António Vaz, este veio a ser admitido novamente na família de Santo Inácio, depois da provação de um segundo noviciado.

Dignos de uma referência, a propósito do que dizemos acima, são, além disso, alguns pareceres sobre a maneira de ser e, outrossim, o comportamento do padre António Vaz, designadamente no arquipélago das Molucas.

A par da renovada confiança concedida pelo provincial e ainda, segundo observamos, igualmente pelo vice-provincial, Francisco Rodrigues, todos os outros jesuítas da Índia observam António Vaz com bastantes reservas. O caso de Vaz estava ainda muito fresco. Isto verificamos nos vários relatórios enviados anualmente para Roma ao padre-geral, Diogo Laínez, acerca da situação de todos os jesuítas na Índia.

Conhecendo António Vaz, como poucos confrades, escreve o Pe. Mestre Nunes Barreto, em 15 de Janeiro de 1560:

> "O Pe. Antonio Vaaz hé devoto, edificativo, facilmente tem lagrimas: de Malaqua o mandei para Maluco á 6 annos, e por certa desobedientia foi laa despedido do Pe. Afonso de Crasto, e falecendo o vigairo de Maluquo o fez o povo vigairo dous annos ou tres; este anno pasado veio à India com negoceos do povo, e por justos respeitos pareceo bem ao Praeposito lançar mão dele. Tornou a ser noviço, hé bem desposto."[17]

Por seu turno, o famoso jesuíta Francisco Cabral (a quem António Vaz, um dia, em Goa, terá estimulado para ingressar na família de Santo Inácio) transmite em 15 de Novembro de 1559, para Roma, ao padre-geral, Laínez, acerca do Pe. Vaz:

> "O Pe. Antonio Vaz, de idade de 36 anos e 11 de Companhia, não o tenho por muito firme na vocação, porque, indo a Maluco por mandado do Pe. Mestre Belchior que então era Provincial, teve com o Pe. Afonso de Castro que llá era Reitor humas deferenças de que V. P. já estará enformado, por onde o Pe. Afonso de Castro o deitou fora da Companhia, e asi andou 2 ou 3 anos até chegar a esta cidade, onde creio que, não com muita vontade, ao menos ao principio, se recolheo aqui inda não há um anno e ategora mostra desejar enmendar o pasado..."[18]

Trata-se, como observamos, de um testemunho detalhado, que nos fala, em boa medida, das qualidades e defeitos do nosso biografado.

Para melhor concretizar, vamos ainda transcrever a opinião de Francisco Rodrigues enviada para Roma, em 17 de Novembro de 1559, por ordem do provincial, António de Quadros:

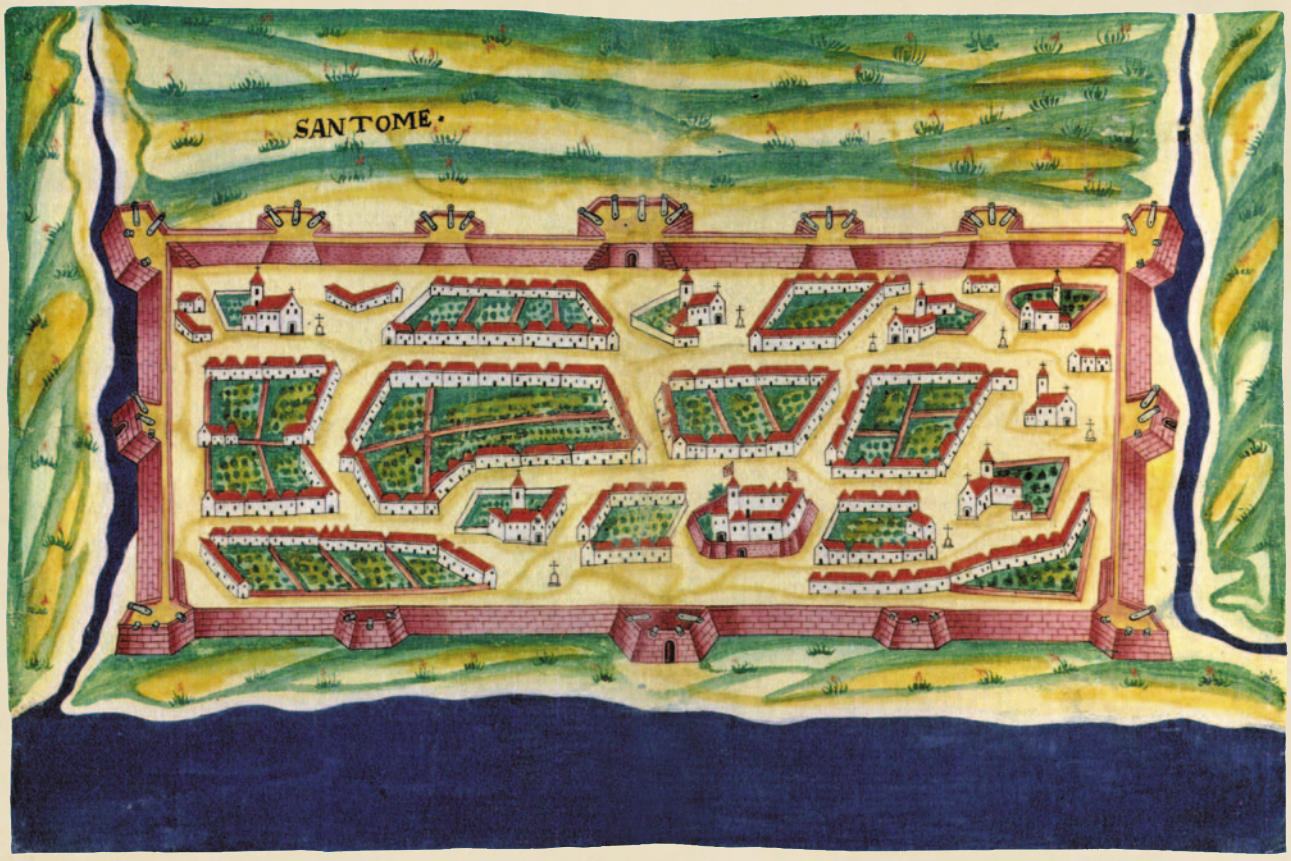
> "Antonio Vaz hé hum Padre que foi mandado a Maluquo e lá ou ho despedirão ou se saio ele (porque do modo que lá teve com ho Superior he ho Superior com ele, parece que d'ambas partes ouve alguma culpa). E vindo a esta cidade se veio oferecer à Companhia; pareceo ser serviço de Noso Senhor torná-lo ha receber, está com os novicios, procede honestamente, mas ainda não consta de sua firmeza, tem honestas forças corporaes."[19]

Finalmente, o próprio provincial da Índia, António de Quadros, assim atesta de Goa para Roma, também no mês de Novembro de 1559:

> "O Pe. Antonio Vaz, bem desposto ainda que de natural fraco, deitarom-no fora da Companhia em Maluco, e tomou-se aqui en Goa averá seis meses, na vocação está arezoadamente ainda que não de todo firme, hé virtuoso de huma virtude devotilha de que se pode fiar pouquo, prega segundo dizem devotamente, tem arezoada prudentia e mansidão, e hé devoto na maneira de conversar."[20]

Interessantes, por conseguinte, e outrossim dignos de alguma curiosidade, são estes depoimentos (tirados "a quente", repetimos) sobre o carácter de António Vaz, depoimentos transmitidos (mesmo assim) para Roma ao prepósito-geral da Companhia de Jesus, estando redigidos quase todos no mesmo tom. De algum modo completam-se, mas essencialmente deixam bem entrever o momento assaz difícil e crítico por que passou então o flagelado missionário natural de Leiria.

Mas vencido que foi tal momento de penitência e crise vocacional, surge-nos de novo o Pe. António Vaz (re)lançado na senda do mais zeloso apostolado. É certo que aquela "negra sombra" nunca mais o largou, fatalmente. E assim o registaram alguns historiadores romanos do tempo[21], e assim o observamos, século e meio depois, na pena e na obra do Pe. Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado...*, publicada em 1710[22]. Pelo menos foi essa a "lenda negra" que permaneceu como labéu inapagável... Mesmo que o dedicado jesuíta, António Vaz, houvesse "ressuscitado" novamente para a vida missionária e houvesse ocupado (como ocupou) pelos anos fora, altos cargos importantes (como reitor ou superior),



Fortaleza de S. Tomé de Meliapor, in António Bocarro, *Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*, Lisboa, IN-CM, 1992.

em diferentes casas e institutos da Companhia de Jesus por todo o Oriente. Como aconteceu, efectivamente, tanto em Damão como em Taná e em Bengala, em S. Tomé de Meliapor e ainda no Porto da China, ou seja, em Macau[23].

O PADRE VAZ EM MACAU

António Vaz vem para Macau em 1572, por ordens do provincial da Índia, António de Quadros. No Porto da China irá ocupar o cargo de superior da casa dos padres da Companhia de Jesus e ao mesmo tempo irá ser o primeiro director da primeira escola de Macau. É um facto. Nunca devidamente assinalado. Aliás, o conhecido jesuíta Benjamim Videira Pires, ao iniciar o seu opúsculo sobre *O IV Centenário dos Jesuítas em Macau*, não deixa de registar estas significativas palavras:

> "Esquecem-se, muitas vezes, os que gozam da sombra e dos frutos duma árvore daqueles que, à custa de suores e cansaços, a plantaram e cuidaram, desinteressadamente, nos primeiros anos infrutíferos."[24]

Por volta de 1568-1569 tinha aportado à Cidade do Nome de Deus, o bispo do Japão da China, D. Melchior Carneiro. Daqui, D. Melchior haveria de "recambiar", igualmente para Malaca, o célebre (e nunca devidamente investigado) vigário de Macau, Gregório Gonçalves, com quem o conhecido prelado se havia, entretanto, incompatibilizado.

O Pe. António Vaz virá assim, seguidamente, ajudar a inaugurar uma nova etapa na vida dos padres da Sociedade de Jesus em Macau. Numa altura crucial, veio, por isso, o Pe. Vaz imprimir ao apostolado missionário no Porto da China, um carácter duradouro[25].

Foi igualmente por estes anos (1572-73) que navegou com destino ao Japão o visitador, Gonçalo Álvares, que em Macau deixou importantes recomendações[26]. Destas nos dá conta principalmente António Vaz numa carta escrita de Macau, em 18 de

Novembro de 1573, que é um dos primeiros documentos com significativa importância sobre as instituições escolares e religiosas no Porto da China. Embora vá transcrita em anexo, vamos dela aqui registar os pontos principais.

Em primeiro lugar, António Vaz transmite para Roma ao padre-geral (D. Francisco de Borja), a grande mágoa por ter de lhe comunicar nomeadamente duas notícias tristes: a morte, em Goa, do provincial, António de Quadros ("doce e santo"), agravada com a notícia da morte do visitador do Japão, Gonçalo Álvares, com mais quatro companheiros, e ainda mais de 150 portugueses, "afora outra multidão de escravos e gente da terra" por causa do naufrágio, ocorrido à chegada ao Japão[27].

Seguidamente, o Pe. Vaz salienta na carta que o povo, que dependia do bom sucesso da viagem na nau do Japão, iria ficar "em grão miséria". Refere-se obviamente aos portugueses residentes em Macau e no Japão. Por outro lado, menciona a D. Francisco de Borja o número de membros da família de Santo Inácio residentes no Porto da China: sete missionários, sendo três irmãos e quatro sacerdotes, para além do bispo Melchior Carneiro, jesuíta que possuía, no entanto, um estatuto independente.

Por outra parte, devemos aqui salientar a importância na criação de uma "escola de ler e escrever" a cargo dos padres jesuítas que o visitador (Gonçalo Álvares), havia fundado antes de partir para a infeliz jornada do Japão. Tal facto está bem patente nestas palavras da missiva do Pe. Vaz: "Temos escola de ler e escrever", conquanto existam outros testemunhos fidedignos[28].

Ademais, o superior da casa de Macau dá conta da conclusão de uma nova igreja "muito capaz", feita com as esmolas do povo, em substituição de uma outra igreja muito pequena, aludindo certamente ao templo, ou oratório primitivo, instalado em 1562 numa das casas de Pedro Quinteiro, um comerciante de origem espanhola, muito amigo dos jesuítas[29].

Finalmente, António Vaz fala de si mesmo ao padre-geral, traçando uma síntese da sua vida: entrara na Companhia de Jesus há 24 anos e há mais de 20 que pregava ou missionava em diferentes paragens. E passa a enumerá-las: Goa, Baçaim, Damão, Ormuz, Diu, Cochim, Malaca e Molucas, e agora em Macau, donde escreve. Em suma, António Vaz ("agora o primeiro da Companhia que nesta Província se ordenou"), apresenta-se ao padre-geral com uma folha de serviços invulgar, mas que, apesar disso, ou talvez por isso, ainda continuava à espera de poder ascender a "coadjutor espiritual", um dos graus cimeiros da família de Santo Inácio.

Acerca de tal demora, devemos sublinhar que o bom Pe. Vaz haveria de esperar ainda 16 anos bem contados até poder vir a alcançar tal merecimento.

Desafortunadamente, julgamos perdurar ainda visível sobre o dedicado sacerdote o "labéu" ocorrido, décadas atrás, nas Molucas. Quão terrível não terá sido, sem dúvida, para o Pe. Vaz aquela longuíssima espera de várias décadas. Pois somente em 1589 é que o esforçado missionário viria a realizar a profissão há tantos anos requerida.

Como quer que seja, deixou-nos o sacrificado jesuíta, para além de outras[30], mormente estas informações de cunho acentuadamente histórico sobre a sua passagem por Macau, onde se manteve durante três anos à frente da sua comunidade e da primeira escola, antes de regressar novamente à Índia para novos rumos missionários. Desta vez, para S. Tomé de Meliapor, depois para Bengala e em seguida para Quíloa, onde veio a falecer bastante idoso, por volta de 1600, em circunstâncias praticamente ignoradas[31].

CONCLUSÃO

O Pe. António Vaz manifesta-se como um exemplo bem claro de tantos portugueses – e europeus – que, ao serviço de Portugal, algum dia embarcaram para a aventura marítima ou seguiram com entusiasmo a vocação missionária, prosseguindo um sonho que empolgou os seus destinos ou marcou as suas vidas. Vidas estas tantas vezes moldadas por circunstâncias incertas e cruéis, onde seus passos iriam ter lugar, vidas igualmente destruídas por imensos perigos ou ambições desmedidas, vidas comandadas pela ganância do lucro ou por tantas motivações, quer de ordem material, quer de ordem espiritual.

A propósito do Pe. Vaz, temos pensado, desde há vários anos, principalmente na "lenda negra" que ensombrou a sua vida. Ora, também isto sucedeu a muitos outros portugueses e missionários que encontramos, com casos similares, nos numerosos documentos já disponibilizados pelo Instituto Histórico da Companhia de Jesus, mormente quanto ao século XVI.

De facto, encontramos nesses milhares de páginas, redigidas na sua maior parte em português e

espanhol, muitas observações pertinentes que dizem respeito ao Padroado Português do Oriente, ou seja, à vida e acção dos nossos navegadores, comerciantes, missionários e homens de aventuras, que mereceriam ser lidas, comparadas e interpretadas com verdadeiro espírito crítico. Só para citarmos um exemplo: quem conhece todas as longas cartas minuciosas enviadas do Japão, no século XVI, por Luís de Almeida? Pois nós encontramos aí muitos factos, nomes, atitudes, acontecimentos e circunstâncias várias que continuam ainda à espera do investigador ou do crítico atentos que, distanciados agora pelo tempo, tragam para a história de Portugal no mundo uma nova luz, de forma que a verdade, muitas vezes ensombrada pelas circunstâncias em que os acontecimentos tiveram lugar, possa ser interpretada de forma mais objectiva.

Para o caso português das missões no Oriente, foram sobretudo os historiadores anglo-saxões (Schütte, Schurhammer, Wicki e Jacobs) que nas últimas décadas melhor promoveram tal desiderato, já que os contributos dos padres portugueses António da Silva Rego e Artur Basílio de Sá, conquanto valiosos, ficaram muito aquém dos seus propósitos. Não foi, por exemplo, Silva Rego que planeou um conjunto documental de 70 volumes para as missões do Oriente, tendo ficado apenas pela publicação de 12, de mais a mais escassamente anotados?

Antes de finalizar, desejávamos referir que foi por tudo isto que na Universidade de Macau, alimentámos um dia a esperança de vermos as instituições macaenses a colaborarem e a investirem, a sério, na área da investigação histórica, designadamente no campo das missões portuguesas na Ásia Extrema.

Foi com este objectivo que propusemos à Universidade, em 1997, um projecto de organização do dicionário de história de Macau, para nele poderem ser registados os principais factos, instituições e personalidades relevantes. Como foram no Porto de Deus na China, os grandes missionários Francisco Xavier e Alexandre Valignano. Mas não olvidando também outras figuras de grata memória, como foi o padre António Vaz. RC

Carta do Pe. Vaz, em 18 de Novembro de 1573

Ao muyto Reverendo em Christo Padre, o Pe. Francisco de Borja, Praeposito Jeral da Companhia de Jesus, em Roma. Da China. De Antonio Vaaz.

Jesus
Reverendissimo em Christo Padre.

Pax Christi.

1. Parece que pollos meus grandissimos peccados permitio Deos Nosso Senhor que, avendo eu de escrever a V. P. a primeira vez, fossem logo tristes novas. Eu fui mandado da India pollo Pe. Francisco Rodriguez (que foi electo Provincial por morte do Pe. Antonio de Quadros) pera estas partes da China, pera nellas ter carrego dos Padres e Irmãos da Companhia. E partindo-me da India muito triste, por trazer ao Pe. Visitador (que quá era passado a Japão) a nova da morte do Pe. Provincial, tam digna de ser chorada e sentida de todo este Estado, senão quando vem ter a este porto hum marinheiro (quasi como outro mensageiro de Job), que soo se salvou da perdição da nao em que o Padre nosso Visitador hia com seu companheiro o Pe. Manoel Lopez e outyros tres Padres sacerdotes que consigo levava pera laa servirem a Deos naquela nova christandade.

2. E sendo já à vista de Japão com o animo alegre de chegarem ao lugar da messe, subitamente sobreveo hum pee de vento tam furioso e bravo que em pouquo mais de tres oras meteo a nao no findo. E morrerão mais de cento e cinquoenta portugueses, afora outra multidão de escravos e gente da terra, e os nossos dilectissimos Padres, que parece forão chamados pera irem receber o premio dos trabalhos passados, e dos que com tanta vontade e gosto hião pasar naquelas partes, honde sua obra era tam necessaria. Sed iudicia Dei abyssus multa. Foi esta perda tamanha pera a Companhia da India, já privada do seu doce e sancto Pe. Provincial, que nam na sei encarecer a V. P., nem a grande e quasi extrema necessidade em que fiqua de ser provida e socorrida. Deos Nosso Senhor, que a sabe, a dê a sentir a V. P. Amen.

3. Perdeo-se juntamente na nao toda a riqueza desta terra. Dizem que hirião na nao perto de oitocento[s] mil cruzados, e asi fiqua este povo em grão miseria. Por tudo seja glorifiquado Deos Nosso senhor.

4. Ao presente estamos nesta casa sete da Companhia, tres Irmãos e quatro sacerdotes, todos com boa desposição, bendicto seja Deos, dos quaes vão dous pera a India e hum

hirá com a divina ajuda pera Japão. Temos escola de ler e escrever que o Pe. Visitador ordenou que aqui ouvese e os mais ministerios acostumados da Companhia.

5. Temos quasi acabada huma igreja muito capaz que se fazia com as esmolas do povo, por a de que agora nos servimos ser muito piquena. Da terra nam tenho mais que escrever a V. P.

6. De mim, entrei na Companhia quá na India averá 24 annos e passa de vinte que prego em Goa, Baçaim, Damão, Urmuz, Dio, Cochim, Malaqua, Maluquo e agora aqui, e ainda por meus peccados nam fiz professão. Mas espero fazê--la com muitas benções e avantagens de V. P. asi por aver tantos annos que nestas partes prego, como por ser agora o primeiro da companhia que nesta Provincia se ordenou. A minha idade serão 46 annos. Em a benção e santos sacrificios de V. P. muito me encomendo.

Oje 18 de Novembro de 1573 annos.
De V. P. filho indigno e inutil,
Antonio Vaaz.

NOTAS

1 Cf. Pe. Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado a Jesus Cristo pelos Padres da Companhia de Jesus da Província de Goa*, p. 394; G. Schurhammer, *Francisco Javier. Su vida y su tiempo*, vol. III, p. 518.

2 O ano de nascimento é incerto. J. Dehergne (in *Répertoire des Jésuites*, p. 285), aponta o ano de 1517; outros historiadores dão uma data um pouco posterior.

3 Segundo G. Schurhammer (*op. cit.*, p. 410), António Vaz viajou na nau *Galega*, na qual aportaram a Goa, em 9 de Outubro de 1548, também os missionários jesuítas, António Gomes, Francisco Gonçalves e Luís Fróis. Terá Schurhammer, sempre bem avisado, confundido os nomes dos jesuítas António Vaz e Manuel Vaz? É uma dúvida que nos fica.

4 O historiador Hubert Jacobs (in *Documenta Malucensia*, I, p. 30*), afirma sobre o Pe. António Vaz: "Raramente outro jesuíta cobriu uma área tão vasta de ministérios apostólicos como Vaz, de Ormuz às Molucas, da costa ocidental da Índia até Bengala e Macau".

5 Diogo de Couto, *Décadas da Ásia*, D.VII, C. VII, pp. 331-332.

6 As expressões que o Pe. Francisco de Sousa utiliza (in *Oriente Conquistado...*, pp. 384 e ss.) e o modo como interpreta os acontecimentos ocorridos nas Molucas com o Pe. Vaz são impróprios deum filho de Santo Inácio. Afigura-se-nos que o Pe. Sousa chega a faltar à caridade.

7 Cf. *Documenta Indica*, vol. II, p. 273.

8 *Ibidem,* p. 443-444.

9 Cf. *Documenta Malucensia*, vol. I, p. 177, n. 1.

10 *Ibidem*, p. 168.

11 Francisco de Sousa, *op. cit.*, p. 384.

12 Não se sabe ao certo o nome do vigário que o Pe. Vaz substituiu. Apenas se sabe que o vigário que ocupava o mesmo cargo em 1544--1545, era Rui Vaz. Cf. *Documenta Malucensia*, vol. I, p.175, n. 3.

13 Francisco de Sousa, *op. cit.*, p. 394.

14 Cf. Diogo de Couto, *op. cit.*, pp. 332-333; Francisco de Sousa, *op. cit.*, pp. 392-393.

15 Cf. Sebastião Gonçalves, *História da Companhia de Jesus no Oriente*, I, p. 296, n. 4; Francisco de Sousa, *op. cit.*, pp. 396-401.

16 *Documenta Malucensia*, vol. I, p. 178.

17 *Documenta Indica*, vol. IV, p. 506.

18 *Ibidem*, pp. 457-458.

19 *Ibidem*, pp. 382-383.

20 *Ibidem*, p. 402.

21 Cf., por exemplo, as obras dos historiadores jesuítas do século XVII, Francesco Sacchini e Daniello Bartoli, que Francisco de Sousa decerto terá conhecido.

22 O Pe. Francisco de Sousa, historiador da Companhia de Jesus, nasceu em 1649, na ilha de Itaparica, cerca de Baía, no Brasil. Embarcou para a Índia em 20 de Abril de 1665, leccionando Humanidades e Teologia no Colégio de S. Paulo, em Goa, do qual também foi superior. Aqui faleceu em 1712, tendo sido a sua obra *Oriente Conquistado...*, publicada em Lisboa, em 1710. Seguimos, neste estudo, a edição revista pelo M. Lopes de Almeida. Recordemos que Schurhammer considera Francisco de Sousa como "o último grande historiador jesuíta da Índia".

23 Sobre a presença do Pe. António Vaz em Macau, consultar J. F. Schütte, S. J., *Monumenta Historica Japoniae* I, p. 426 e 433; B. Videira Pires, S. J., *O IV Centenário dos Jesuítas em Macau*, pp. 4 e 25.

24 Cf. B. Videira Pires, *op. cit.*, p. 1.

25 Escreve o Pe. B. Videira Pires, após investigação no Arquivo Romano da Companhia de Jesus (*op. cit.*, pp. 4 e 8): "Em 1574, o superior da residência da Companhia de Jesus em Macau, Pe. António Vaz, permanece em Cantão, desde o dia 7 de Fevereiro até cerca do dia 20 de Março".

26 Visitador da Província da Índia, o Pe. Gonçalo Álvares era natural de Vila Viçosa e governou o Colégio de Coimbra e a casa professa de São Roque. Era um dos filhos de Santo Inácio mais ilustres do seu tempo. Fazendo mais tarde a travessia de Macau para o Japão, veio a perecer no mar pela força de um tufão que meteu a pique a nau sob o comando de António de Vilhena, a 21 de Julho de 1573. Cf. Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus...*, p. 33; J. Dehergne, *Répertoire des Jésuites de Chine*, p. 10. Para os passos principais da vida de Gonçalo Álvares no Oriente, ver Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado...*, pp. 841, 847-848, 1017-1018, 1595-1596. Notemos, por outro lado, que foi o Pe. Valignano que veio seguidamente como visitador para as missões do Oriente.

27 Para o naufrágio da nau do visitador do Japão, comandada pelo capitão-mor, António de Vilhena, ver C. R. Boxer, *O Grande Navio de Amacau*, pp. 33-34.

28 As melhores informações sobre a primitiva escola de Macau são fornecidas ainda por B. Videira Pires, no excelente opúsculo supracitado *O IV Centenário dos Jesuítas em Macau (1564-1964).*

29 Sobre Pedro Quinteiro, ver o nosso estudo publicado na revista *Macau* (II série, n.º 26), Junho de 1994, pp. 36-40.

30 Do Pe. António Vaz são ainda conhecidas outras cartas com real importância para a história das missões portuguesas no Oriente. Uma delas foi dirigida, a partir das Molucas, ao rei D. João III, com uma resposta elogiosa já por parte do rei D. Sebastião. Porém, a carta mais significativa para nós, a vários títulos, é sem dúvida, a carta escrita de Macau, em Novembro de 1573, que reproduzimos.

31 Como acontece com o ano do seu nascimento em Leiria, também nenhum historiador sabe indicar ao certo o ano da sua morte em Goa ou Quilon: 1599 ou 1600. Cf. H. Jacobs, DM, I, pp. 29*--30*; G. Schurhammer, *Francisco Javier. Su vida y su tiempo*, vol. III, pp. 518-519.

BIBLIOGRAFIA

Baptista, António Rodrigues, *A Última Nau. Estudos de Macau.* Macau: [s.n.], 2000.

Boxer, Charles Ralph, *O Grande Navio de Amacau*. Macau: Fundação Oriente e Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989.

Couto, Diogo de, *Décadas da Ásia*. Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1974.

Dalgado, Sebastião Rodolfo, *Glossário Luso-Asiático*. 2 vols., Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919-1921.

Dehergne, Joseph, S. J., *Répertoire des jésuites de Chine de 1552 à 1800*. Paris/Roma: Institutum Historicum Societatis Iesus (IHSI),1973.

Documenta Indica. Ed. de J. Wicki, S. J., 18 vols. Roma: IHSI, 1948-1988.

Documentos del Japón. Ed. de J. Ruiz-de-Medina, S. J., 2 vols. Roma: IHSI, 1990-1995.

Epistolae S. Francisci Xaverii aliaque eius Scripta. Ed. de G. Schurhammer e J. Wicki, S. J., 2 vols. Roma: IHSI, 1944--1945.

Fróis, Luís, *Historia de Japam*. Ed. de J. Wicki, S. J., 5 vols., Lisboa: Biblioteca Nacional, 1974-1984.

Gonçalves, Sebastião, *Primeira Parte da História dos Religiosos da Companhia de Jesus*. Ed. de J. Wicki, S. J., 3 vols. Coimbra: Atlântida, 1957.

Jacobs, Hubert (ed.), *Documenta Malucensia*. S. J., 3 vols. Roma: IHSI, 1974-1984.

Lopes, António, "Jesuítas missionários partidos de Lisboa: 1541--1756". *Brotéria*, 1991 (pp. 286-313).

Loureiro, Rui Manuel, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente, 2000.

Monumente Historica Japoniae I. Textus Catalogorum Japoniae. Ed. de J. F. Schütte, S. J. Roma: IHSI, 1975.

Pires, Benjamim Videira, S. J., *O IV Centenário dos Jesuítas em Macau (1564-1964)*. Macau: [s.n.], 1964.

Rego, António da Silva, *Curso de Missionologia*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1956.

Rodrigues, Francisco, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões. Esboço Histórico. Superiores. Colégios. 1540-1934*. 2ª. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1935.

Sá, Artur Basílio de, *Documentação para a História das Missões do Pa droado Português do Oriente. Insulíndia*. 6 vols. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954-1988.

Schurhammer, Georg , S. J. , *Francisco Javier. Su vida y su tiempo*. 4 tomos. Pamplona: Gobierno de Navarra/Compañía de Jesus/Arzobispado de Pamplona.

Sousa, Pe. Francisco de, *Oriente Conquistado a Jesus Cristo pelos Padres da Companhia de Jesus da Província de Goa*. Introd. e rev. de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão Editores, 1978.

Teixeira, Pe. Manuel, *Macau e a Sua Diocese*, vol. III. *As Ordens e Congregações Religiosas em Macau*. Macau: Tipografia Soi Sang, 1956-1961.

Teixeira, Pe. Manuel, *Macau e a Sua Diocese*, vol. XIII. *A Missão na China*. Macau: Tipografia do Padroado, 1977.

Valignano, Alessandro, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesús en las Indias Orientales (1542-64)*. Ed. de J. Wicki, S. J. Roma: IHSI, 1944.